

Os primeiros contatos de aluno surdocego pré-linguístico em contexto de escola regular: uma mudança de olhar

Fernanda Cristina Falkoski¹

O objetivo deste trabalho é descrever o relato de uma experiência linguístico-pedagógica, na qual um aluno surdocego está incluído em uma escola de ensino regular.

Ainda hoje, ao se falar sobre o aluno com deficiência, a maioria das pessoas pára para pensar e se questionar sobre como se dá o processo de ensino-aprendizagem desse sujeito; como desenvolver um trabalho para incluí-lo na sociedade e oferecer-lhe oportunidades de acordo com as suas especificidades. Um problema que faz com que o trabalho seja mais difícil é a escassez de conhecimentos acerca desse assunto, bem como a falta de preparo dos profissionais que trabalham na área. Assim, acontece com a especificidade do aluno surdocego. Algo que deve ainda ser levado em consideração é se esse aluno for um surdocego pré-linguístico. O que fazer? Como fazer?

Talvez a primeira pergunta e a mais importante de ser respondida seja o que é um surdocego pré-linguístico?

Parece necessário iniciar com uma definição mais completa de surdocegueira:

Uma deficiência única que apresenta a perda da audição e visão de tal forma que a combinação das duas deficiências impossibilita o uso dos sentidos de distância, cria necessidades especiais de comunicação, causa extrema dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, recreativas, sociais, para acessar informações e compreender o mundo que o cerca. (AGAPASM, 2011)

Há duas distinções importantes a serem esclarecidas sobre a surdocegueira, pois essa deficiência ainda é dividida em pré-linguística e pós-linguística. É fundamental compreender essa diferença, pois é a partir disso que o trabalho será moldado, de acordo com o sujeito a ser atendido. O surdocego pré-linguístico é aquele que nasce já com a deficiência ou que a adquire nos primeiros anos de vida, antes do processo de aquisição de uma língua – seja ela oral ou visual. A surdocegueira pós-linguística, por sua vez, é aquela que o indivíduo adquire ao longo da vida, depois de já ter uma língua estruturada, ou seja, depois de ter adquirido

¹ Tradutora/intérprete de língua de sinais, graduanda em Letras – Habilitação em Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e em Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). <fezinha_noia2@hotmail.com>

todos os componentes da língua e utilizá-la em situações cotidianas na interação com seus pares.

Depois desta pequena introdução, passemos à indicação da realidade em que este trabalho se centra. Em 2011, foi matriculado um aluno com seis anos de idade, no 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal da região do Vale do Rio dos Sinos, no Estado do Rio Grande do Sul. O ingresso desse sujeito fez com que a comunidade escolar e o próprio bairro repensassem seus conceitos sobre diferença, preconceito, igualdade e inclusão. Esse menino é o aluno surdocego pré-linguístico a que iremos nos referir no texto.

Ao longo deste relato de experiência, apresento como a comunidade envolvida se adaptou ao novo aluno da escola e modo como o ambiente escolar foi se adaptando a ele. A escola e a comunidade procuraram motivá-lo a participar de todos os eventos e momentos desenvolvidos.

É importante apresentar a equipe envolvida nessa experiência, que é diversificada e conta com vários profissionais que se dedicam ao caso, além dos alunos, da família e da comunidade em geral.

Destaco principalmente a equipe que se reunia mensalmente para discutir o caso e traçar metas e objetivos a serem alcançados com o aluno: uma professora especialista na área da surdez, uma professora especialista na área da cegueira, uma fonoaudióloga, um psicólogo, uma representante da Secretaria Municipal de Educação, responsável pela região da escola no setor de inclusão, uma assistente social, a orientadora pedagógica da escola, a professora titular da turma e a professora tradutora/intérprete de língua de sinais que desenvolvia de modo mais direto o trabalho com o aluno.

A equipe também contou com a orientação do especialista em Educação Especial Alex Garcia², que é surdocego.

A família teve papel fundamental nesse processo, pois acreditou em nosso trabalho e se tornou parceira em desenvolver o que era proposto. Ao falar da família é importante lembrar que ela é que está presente sempre ao longo da vida desse sujeito, e assim deve ser tida como parceira. Assim como relata (SMITH E LAVACK)

² Alex Garcia é presidente da Associação Gaúcha de Pais e Amigos dos Surdocegos e Multideficientes (AGAPASM); escritor; vencedor do II Prêmio Sentidos; rotariano honorário do Rotary Club de São Luiz Gonzaga-RS; líder internacional para o Emprego de Pessoas com Deficiência Profissional – Program on International Leadership, Employment, and Disability (I-LEAD) Mobility International USA (MIUSA); membro da World Federation of Deafblind (WFDB); membro da Aliança Brasileira de Genética; colunista da Revista REAÇÃO e do Portal Planeta Educação; consultor da Rede Educativa Mundial – REDEM; consultor do Instituto Inclusão Brasil.

Assim, quando esta está envolvida é mais fácil manter a consistência das estratégias e dar continuidade ao trabalho, principalmente a este significativo grupo de deficientes, dado que grande parte da intervenção, principalmente nas primeiras idades em um surdocego pré-linguístico, é reforçada ou realizada no ambiente familiar (SMITH E LAVACK, 1996, p. 8 apud GARCIA, s/d, p. 59).

Como objetivo da experiência podemos citar que, queríamos proporcionar o desenvolvimento humano do aluno, bem como sua comunicação com as pessoas.

Apoiar e auxiliar a família no tratamento com o menino, na busca por uma saúde mais favorável para ele e condições de vida melhores.

Descrição detalhada da experiência

Contexto anterior

O trabalho é composto por vários momentos específicos. Inicialmente, destaco a chegada desse aluno na escola, sendo trazido num carrinho de bebê pela avó no primeiro dia de aula. Esta cena chocou muitas pessoas daquela comunidade, pois não haviam passado pela experiência de ter uma criança com uma deficiência múltipla na região. Naquele momento, a avó demonstrou o quanto estava interessada em fazer com que seu neto tivesse os mesmos direitos que as outras crianças e que não fosse tratado como diferente.

Em seguida, tem que se falar sobre o fato de a escola não estar preparada para receber um caso cheio de peculiaridades, uma criança que necessita de tantos cuidados e de uma educação totalmente especial. Aquele ambiente não estava organizado para isso, mas a equipe diretiva, juntamente com a secretaria de educação, pensou em formas de trabalhar com esse aluno. No início, não contavam com uma professora que possuísse conhecimento na área da surdocegueira, ou mesmo que conhecesse sobre surdez ou sobre cegueira e que estivesse com ele na escola. Naquele momento havia apenas atendimento com alguns profissionais, uma vez por semana, em um núcleo de apoio pedagógico (NAP) do município.

Esse menino frequentava a sala regular com mais 21 alunos, ali contava com o auxílio contínuo de uma professora³, além da professora titular da turma.

Ao chegar à escola, não caminhava, não gostava de ter contato com as pessoas, se mantinha quieto no seu lugar, beliscando, sempre que contrariado. Portanto, o primeiro passo a ser dado era desenvolver ações direcionadas a necessidades como se alimentar, locomover-se. Como essa professora que o auxiliava não tinha muito conhecimento para saber por onde começar, ela usou o seu instinto materno e se dedicou a oportunizar atividades motoras, mais

³ Aqui a professora será mencionada como professora de apoio.

ou menos como se faz com um bebê recém nascido, pois, apesar de sua idade, ele não tinha os conhecimentos que a maioria das crianças em sua idade possui, por não ter dois sentidos importantes para essas aprendizagens e não ter recebido os estímulos necessários para poder se desenvolver.

A criança que enxerga desenvolve diversas aprendizagens por ver outros, adultos ou crianças, agindo. Ou seja, a criança aprende como se come por ver seus pais comerem, assim sabe que deve pegar o talher, colocar o alimento e levar até a boca. Uma criança que não possui o sentido da visão precisará que alguém lhe ensine como se faz isso, sendo que será facilitado por poder usar a fala como orientação. Assim também ocorre quando deve saber o que está acontecendo, se não tiver o som associado ao movimento. Com o surdocego nem o som auxilia nesse processo, por isso é importante que lhe seja “mostrado” o que irá acontecer, ou seja, antecipado.

Para o surdocego é importante a antecipação em vista que não vê o que está acontecendo e nem ouve, portanto não consegue imaginar a ação seguinte do seu interlocutor, de acordo com Garcia

Quando falamos em “antecipação”, estamos destacando a possibilidade de o Surdocego aprender a ligar um sinal ou objeto com uma reação ou tipo de comportamento. É uma condição essencial para aprender o geral e para a comunicação em particular, pois é extremamente raro para crianças surdacegas desenvolverem reflexos orientacionais e descobrir associações. (Garcia, s/d, p.86)

Assim, destaca-se aqui que mesmo ele estando no primeiro ano do ensino fundamental, não se tinha a preocupação de fazer com que estivesse juntamente com a sua turma em todos os momentos, pois precisava primeiro se conhecer e saber quem era para poder estar com os outros. Precisava se desenvolver como pessoa para então poder se desenvolver dentro da sociedade.

Durante seis meses, esse foi o trabalho realizado.

Mas, em agosto de 2011, uma professora tradutora/intérprete iniciou o trabalho com o aluno. Além de ter formação na área da surdez e da cegueira, a experiência já tida com alunos surdos na educação infantil facilitou um pouco o trabalho de iniciação com esse menino.

Depois de conhecer o caso, o aluno, quais eram suas restrições, sua família, como era a organização em casa, quem o cuidava e a escola, precisou pensar sobre o que fazer com esse aluno, como iniciar o processo de comunicação com alguém que não possuía uma língua, alguém que não conseguia nem caminhar sozinho.

Com todos esses questionamentos foi decidido que o primeiro passo seria trabalhar com o desenvolvimento da locomoção, fazendo com que perdesse o medo de caminhar. Foi

um processo muito difícil, pois ele queria estar no colo das pessoas e não no chão caminhando, isso pode ter relação com o fato de não saber que poderia caminhar. Foram lentos os passos, a insistência ao subir e descer escadas, pois tinha muito medo. Mas no caso de obstáculos, a professora foi estabelecendo uma comunicação através de movimentos nessa situação, que serão descritos em seguida. Outra insistência que se teve com ele foi o uso de sapatos, pois ele só queria andar com os pés no chão.

A primeira comunicação estabelecida foi o aviso de degraus ou obstáculos: ao se deparar com um degrau a professora colocava sua perna na frente da perna do menino, para assim demonstrar que deveria ter cuidado, pois existia um obstáculo à frente. Assim, a orientação que era dada a quem o acompanhasse era que deveria sempre caminhar de mãos dadas com ele e devagar, ao chegar a frente a um obstáculo, a primeira ação era parar e, em seguida, demonstrar com o toque o que há na frente. Pode-se dizer que, nas primeiras vezes, ele não compreendia o que estava acontecendo, mas, depois de muita repetição e seguindo sempre o mesmo movimento, passou a entender que devia levantar as pernas. Constatamos isso, pois ele não caiu mais diante os obstáculos e passou a fazer o movimento desejado.

E assim foram sendo estabelecidos movimentos para demonstrar que havia objetos em sua frente, ou então pessoas. Para a identificação de pessoas, usamos objetos de uso pessoal. Por exemplo, a professora que trabalhava com ele usava um relógio: sempre que o recebia na porta pegava uma das mãos dele e tocava no relógio; assim ele reconhecia que era ela e estendia os braços para abraçá-la. Com a professora titular da turma, estabelecemos os anéis que ela usava para serem sua referência. É importante aqui ressaltar que esse objeto não devia ser trocado, caso isso acontecesse, deveria ser avisado o aluno, para que ele compreendesse o que acontecia. Percebeu-se que, quando ele estava em contato com alguém, um adulto normalmente, com quem não estava acostumado, ficava nervoso e brabo, beliscando quem estivesse por perto. Com as crianças o contato dele era mais fácil, logo dava a mão e queria sair caminhando com os colegas, dificilmente rejeitava algum colega.

Foram desenvolvidas algumas atividades com a turma, juntamente com a professora titular, para que as crianças começassem a compreender quem era aquele colega diferente, porque ele não falava com ninguém, não participava das mesmas atividades que os outros, não entendia quando alguém falava com ele, entre outras particularidades. Depois desse trabalho percebeu-se que a relação dos demais com ele melhorou muito, pois passaram a tratá-lo de forma diferente, sem excluí-lo. Antes, se afastavam e ficavam com medo dele, mas, depois disso, davam a mão e caminhavam com ele, faziam carinho, ficavam super felizes

quando ele chegava na sala de aula, quando não ia para a escola todos perguntavam o porquê da falta do colega.

No mês de outubro sempre é feito o Show de Talentos na escola, no qual cada turma organiza uma apresentação para as demais turmas. Então pensamos, para essa turma, em uma apresentação na qual todos pudessem participar. Assim, a professora ensaiou a música da Abelhinha, sendo feita uma coreografia com as meninas, e os meninos ficavam sentados no chão, acompanhando e fazendo alguns movimentos. Foi muito interessante, pois, tanto nos ensaios quanto na apresentação, a turma queria que o colega participasse, pois era um integrante do grupo: quando ele faltava, os colegas ficavam tristes. Assim foi feito, sentada juntamente com ele na posição igual aos colegas, a professora ficou o acompanhando. A apresentação foi muito bonita e como os alunos conseguiram representar muito bem a coreografia, ficaram com o primeiro lugar na classificação geral. As famílias foram convidadas para assistirem, no momento em que a turma se apresentou, a avó se emocionou muito, pois o seu neto estava participando junto com as outras crianças.

É importante aqui falar da angústia da avó, que é quem cria o menino, de que seu neto possa ter oportunidades na vida, que ele não tenha que ficar a vida inteira dependendo de alguém pra tudo, que consiga comer sozinho, caminhar com o auxílio de alguém, e não ter que ser carregado no colo sempre, que ele possa estudar e ter um futuro. Ao ver os progressos dele na escola, ela mostrou-se feliz e ajuda no desenvolvimento do menino, pois sempre que fica sabendo de algo que ele conseguiu, como, por exemplo, o dia em que conseguiu subir e descer sozinho no escorregador, assim passa a acreditar mais nele e lutar para que tenha seus direitos e se desenvolva.

No trabalho com pessoas surdocegas é importante ter três cuidados, que, de acordo com VAN DIJK,

Van Dijk (1984) faz três sugestões para ajudar o aluno a estabelecer uma adequada relação afetiva neste nível:

- 1- Limitar o número de pessoas que trabalham com a criança;
- 2- Estabelecer uma rotina de atividades cotidianas ao seu redor;
- 3- Distribuir os estímulos externos de modo que se evitem tanto a “baixa estimulação” como a “alta estimulação”. (VAN DIJK, 1984 apud GARCIA, s/d, p. 84)

Assim, podemos perceber o quanto é fundamental a organização do trabalho, principalmente com o uso da rotina, pois auxilia na compreensão de mundo e das situações

que envolvem o sujeito surdocego. Portanto foi organizada uma rotina de trabalho a ser desenvolvida com o aluno, utilizando os objetos de referência para que fizesse a antecipação.

Em relação aos resultados eles aparecem diariamente, sendo que o trabalho continua sendo desenvolvido ao longo do ano de 2012. Mas podemos dizer que já foram muitas as evoluções durante esse um ano de frequência na escola, contando com a dedicação de todos que o atendem e também com o carinho das pessoas que o rodeiam.

A comunidade escolar já demonstra um ganho muito grande, pois pode-se dizer que as pessoas estão mais sensibilizadas a estarem em contato com pessoas com deficiência, não as vendo mais com um olhar de pena e tristeza, mas sim com um olhar de confiança e acreditando nas suas capacidades .

Aqui devemos deixar bem claro que quem deve se adaptar à inclusão é a sociedade e a escola. E não a pessoa com deficiência. Isso é algo que já conseguimos na nossa escola, pois todos vivem em adaptação, escola e aluno, sendo o aprendizado adquirido diariamente por todos.

Por isso nossa escola pratica a inclusão e não a integração. De acordo com Garcia (s/d, p. 39), na “Integração, o surdocego tem que se adaptar ao sistema. Na Inclusão, o sistema é que deve se adaptar ao surdocego”.

Temos muito ainda o que desenvolver nessa experiência. O próximo passo será o desenvolvimento da comunicação, principalmente para que possamos compreendê-lo melhor. Mas, como já foi dito anteriormente, muito já se conseguiu com esse menino que superou diversos desafios em uma realidade com a qual ele não estava habituado.

É importante manter a metodologia de surdocegueira, a organização da rotina, as atividades de antecipação, o uso dos objetos de referência, com vista à antecipação, pois essa é a única maneira de um surdocego se desenvolver. Bem como essa é a forma para que ele seja incluído de fato e que ele possa estruturar uma linguagem simbólica e uma comunicação.

Referências

GARCIA, Alex. Multideficiente/Surdocego. Disponível em: <http://www.agapasm.com.br/multideficiente.asp>. Acesso em 05 de março de 2012.

GARCIA, Alex. Surdocegueira Empírica e Científica. (s/d)